

## Revisão histórica e identidade em *Flight*, de Sherman Alexie

Érica Fernandes Alves<sup>1</sup>  
Alba Khrishna Topan Feldman<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é analisar a revisão histórica e a busca da identidade na obra *Flight* (2007), do escritor indígena Sherman Alexie. O romance descreve um período na vida de Zits, adolescente mestiço ameríndio e irlandês, órfão de pai e mãe, que passa a ‘entrar’ na pele de diversas pessoas em períodos históricos diferentes. Buscamos compreender quais são os momentos históricos discutidos em cada transformação e quais os efeitos dessas transformações na identidade do protagonista. Como base teórica, estudamos a resistência conforme Ashcroft (2002) e fontes de informação sobre a história indígena estadunidense, como Brown (1970). Das teorias sobre a identidade, elencamos Hall (2006), com o intuito de analisar Zits em seu deslocamento físico, psicológico e temporal. Como resultado, observamos como a literatura indígena, em geral, e Alexie, em particular, se utilizam das estratégias literárias para repensar e questionar estereótipos e registros históricos que colocam indígenas como o inimigo, sem voz, taxado de selvagem.

**Palavras-chave:** Literatura indígena. Registros históricos. Identidade. Sherman Alexie. *Flight*.

### Introdução

O objetivo desse artigo é estudar a revisão histórica e a busca da identidade indígena na literatura estadunidense e como estes aspectos se configuram na obra *Flight* (2007), do escritor indígena das etnias Spokane e Coeur D’Alene, Sherman Alexie. Para tanto, nos apoiaremos nos pressupostos teóricos de resistência, de acordo com Ashcroft (2001) e identidade pela perspectiva de Hall (2006). Também recorreremos a fontes de testemunhos e relatos sobre aspectos históricos apresentados na obra literária agora em discussão por fontes de outros indígenas, como Joseph Marshall III, autor que recolhe as histórias do povo Lakota.

Sherman Alexie, escritor indígena estadunidense aborda em suas obras tanto os problemas enfrentados pelas populações indígenas atuais, como a pobreza extrema, o alcoolismo, os altos índices de suicídio e criminalidade, quanto os abusos históricos feitos contra as populações indígenas desde o início do processo de colonização. Também, em suas escritas, encontram-se críticas à própria sociedade indígena e a suas relações com os não indígenas. Para tanto, em sua escrita, Alexie faz uso do bom humor e ironia, que são

<sup>1</sup>Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM. Brasil. *E-mail*: efalves@uem.br

<sup>2</sup>Professora Adjunta do Departamento de Letras Modernas - UEM. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM. Brasil. *E-mail*: profa.alba@gmail.com

características marcantes em sua obra, seja ela infanto-juvenil ou adulta. O autor cria polêmicas com sua escrita, mas, além de ser reconhecido mundialmente, teve seus livros traduzidos para vários idiomas, inclusive para a língua portuguesa.

O romance *Flight* (2007) descreve um período na vida de Zits, um adolescente mestiço indígena e irlandês, órfão de pai e mãe, e que passara por mais de 20 lares adotivos. Cego por sua própria agressividade, e em um momento de tensão por ter se envolvido na criminalidade, em um assalto a um banco, Zits ‘morre’ e, a partir daí, passa a ‘entrar’ na pele de diversas pessoas no decorrer da narrativa, a maioria de indígenas norte-americanos em períodos históricos diferentes daquele que ele vivia.

Este artigo busca compreender quais são os momentos históricos discutidos em cada transformação do narrador protagonista do romance, quais os aspectos mostrados em cada uma das transformações, quais os efeitos de cada transformação na identidade do protagonista e, finalmente, como o autor discute e reescreve os fatos históricos sob o ponto de vista dos outros actantes, outros personagens, sejam eles fictícios ou históricos.

### **Sherman Alexie, seu Vôo e suas espinhas**

Alexie é indígena da etnia Interior Salishan, filho de pai Coeur D’Alene e mãe Spokane, foi criado na reserva indígena Spokane de Welpinit (perto da cidade de Seattle). Poeta, roteirista, autor de romances e livros de contos, o autor é reconhecido mundialmente. Seu livro de contos *The Lone Ranger and Tonto Fistfight in Heaven*, de 1993, foi adaptado pelo próprio autor para o cinema e se tornou um roteiro filmado em 1998, sob o título *Smoke Signals*, premiado em países como França (Amiens International Film Festival), Inglaterra (London Film Festival) e Japão (Tokyo International Film Festival) em 1999.

*Reservation Blues*, romance que retoma alguns personagens de seus livros de contos e do filme já citados, recebeu em 1996 o prêmio *American Book Awards*. Seu livro infantojuvenil *The Absolutely True Diary of a Part Time Indian*, 2007 (traduzido no Brasil como *O Diário Absolutamente Verdadeiro de um Índio de Meio Expediente*, 2009), parcialmente autobiográfico, ganhou o prêmio de *National Book Award for Young People’s Literature* e o *Odyssey Award* em 2007. O livro de contos *War Dances* recebeu o prêmio

PEN/Faulkner Award for Fiction em 2010, entre outros prêmios e reconhecimentos de relevância.

Em seu estilo de escrita, Alexie mistura desde temas populares da sociedade estadunidense em geral, como videogames, jogos de basquete, *rock and roll*, entre outros, à tradição e espiritualidade indígena, como uma forma de adaptação, sobrevivência e luta contra os estereótipos pelos quais os indígenas são representados pela mídia e pela sociedade em geral. Nesse sentido, ele busca lutar contra os estereótipos dos povos indígenas fossilizados na visão do homem branco (POETRY FOUNDATION, ONLINE, 2017).

O enredo de *Flight* (Vôo) é narrado em primeira pessoa por Zits (apelido que quer dizer acne, ou espinha). “Me chamem de Zits. Todos me chamam Zits. Não é meu nome real. Meu nome real não é importante” (ALEXIE, 2007, p.01)<sup>3</sup>. O tom da narrativa nos é apresentado como se fosse uma história contada pelo adolescente, ou uma conversa informal com alguém, entretanto, não há um destinatário definido.

Empregando uma linguagem coloquial e carregada de bom-humor, o romance conta a história de um adolescente órfão, nativo-estadunidense, mestiço com irlandeses, e revoltado, que passa por diversos lares adotivos, com anos em situação de violação familiar, vivendo de casa em casa, de família em família. Por conta de sua herança indígena e das violações sofridas, o personagem se sente excluído da sociedade. Ele vive em um mundo de violência e abuso e, para sobreviver, se mantém em constante alerta e prevenção contra as pessoas. Todos esses elementos reforçam sua agressividade: “Eu fico tão zangado que fico cego, e surdo e mudo” (ALEXIE, 2007, p. 08)<sup>4</sup>.

Zits está envolvido em um hibridismo étnico e cultural. No entanto, não consegue fazer parte de nenhuma sociedade. Assim, torna-se suspenso entre o mundo indígena e o eurodescendente, enquanto está dolorosamente conscientemente disso: “Sim, eu sou irlandês e indígena, o que seria a mistura mais legal do mundo se meus pais estivessem aqui para me ensinarem como ser irlandês e índio.(...) Uma vez que eu não sou legalmente um indígena, o governo pode me colocar onde quiser” (ALEXIE, 2007, p. 05; 09).<sup>5</sup>

<sup>3</sup> “*Call me Zits. Everybody calls me Zits. That’s not my real name, of course. My real name isn’t important*” (ALEXIE, 2007, p.01).

<sup>4</sup> “*I get so angry that I go blind and deaf and mute*” (ALEXIE, 2007, p.08).

<sup>5</sup> “*Yes, I am Irish and Indian, which would be the coolest blend in the world if my parents were around to teach me how to be Irish and Indian. (...) Since I’m not a legal Indian, the government can put me wherever they want.*” (ALEXIE, 2007, p.05; 09)

O nome Zits é importante, pois mostra o fato de que o menino, para tentar proteger-se de uma sociedade e contrabalançar sua solidão, esconde-se atrás de sua agressividade e de suas espinhas para causar medo e afastar os outros: “E aqui estou eu, pela vigésima primeira vez, num banheiro rosa desconhecido, em uma casa desconhecida, em um mundo desconhecido. E tudo o que posso fazer é contar minhas espinhas” (ALEXIE, 2007, p. 11).<sup>6</sup>

Após ser preso pelo Oficial Dave por atingir com um soco o pai de sua última família adotiva, Zits conhece um rapaz branco chamado Justice na prisão e, após serem soltos, é convencido por ele a invadir a tiros um banco, fato que o leva a receber um tiro na cabeça e morrer. É a partir desse episódio que o personagem entra em uma viagem surreal para diferentes períodos históricos, revivendo, dentro da pele de outras pessoas, outras vidas, momentos e fatos que mudarão a sua visão de vida, e principalmente, sua identidade.

### As transformações de Zits

#### Primeira Transformação – Hank Storm

Em sua primeira transformação, Zits é transportado de volta no tempo até a década de 1970. Lá, ele habita o corpo de Hank Storm, um agente do FBI que trabalha contra os direitos civis dos nativos estadunidenses, assim como de outros grupos que buscavam seus direitos naquela década, como Martin Luther King Jr. e os grupos feministas. Na pele de Hank, Zits testemunha o assassinato de um jovem indígena, por seu parceiro do FBI, Art. Zits é pressionado por Art a disparar no cadáver do jovem e, assim, é confrontado com a culpa de seu próprio crime no banco.

Nesse período da história estadunidense, na década de 1970, o movimento pelos Direitos Civis, que tem sua maior figura inicial em Martin Luther King Jr, começa a criar uma visibilidade contra as leis Jim Crowe outras leis segregacionistas que ainda estavam vigentes na maior parte dos estados sulistas. Um exemplo é a proibição de liberdade religiosa e cerimonial aos indígenas, iniciada no Canadá em 1882, com o nome de *Indian Act* e oficialmente implementada nos EUA em 1903. Mas já em 1892, nos EUA, havia a lei que proibia qualquer manifestação cultural ou religiosa indígena, devido ao fato de que a Sun

<sup>6</sup>*And here I am, for the twenty-first time, crashing into a strange pink bathroom in a strange house in a strange world, and all I can do is count my zits.* (ALEXIE, 2007, p.11)

Dance e a Ghost Dance eram consideradas atos bárbaros e subversivos, que poderiam incitar à revolução e à guerra. Essa lei foi revogada pelo governo estadunidense apenas em 1978, pela lei *American Indian Religious Freedom Act*, *Public Law* número 95-341, 92 Stat. 469 (11 de agosto de 1978).

Concomitantemente, outros grupos minoritários passam a surgir, como o movimento pelos direitos dos Chicanos, os latinos que viviam nos EUA, o movimento pelos assuntos de gênero – gênese nos movimentos feministas, que depois de divide para dar espaço aos grupos de defesa dos direitos LGBTT. Os indígenas estadunidenses começam também a se organizar por seus direitos. Na literatura, N. Scott Momaday coloca os problemas indígenas em pauta ao ganhar o prêmio Pulitzer por sua obra *House Made of a Dawn* em 1968.

Os nativos se encontravam em lutas armadas pelos direitos civis, juntamente com o movimento negro dos *Black Panthers*, entre outros. O movimento que Alexie retrata na trama é o chamado AIM (*American Indian Movement*). No romance, a AIM é representada por dois grupos, HAMMER e IRON, grupos conflitantes dentro das comunidades indígenas que lutavam pelos direitos de forma diferente – HAMMER buscando a defesa dos indígenas pela luta armada, enquanto IRON buscava a tradição. A AIM trazia os dois aspectos dentro de si. No entanto, essa parte da narrativa permite a Alexie colocar em evidência a relação do governo americano com os grupos indígenas pelos direitos civis, que era ao mesmo tempo de oposição, enquanto havia o incentivo de pequenos grupos para minar o poder do grupo como um todo: ““Oh, sim, cara, eu me lembro agora,” Eu digo. ‘Aqueles caras do HAMMER estavam matando todo mundo na época. E então o FBI se juntou ao HAMMER e começou a matar gente, também. Cara, quando foi, em 1975 ou 1976?’” (ALEXIE, 2007, p. 47).<sup>7</sup>

Nesse momento da narrativa Alexie mostra como indígenas dos grupos de direitos civis também eram comprados pelo governo, agindo como agentes duplos. Durante essa transformação, Zits conhece Elke Horse (uma referência irônica a dois líderes indígenas importantes, *Black Elk* e *Crazy Horse*), que apoiam as ações do governo estadunidense contra os nativos. Para Zits, “isso é que é novidade das grandes. No futuro, esses caras ainda são

<sup>7</sup> ““Oh, yeah, man, I remember now” I say. “Those HAMMER guys were killing everybody back then. And then the FBI joined up with HAMMER and started killing people, too. Man, when was that, back in 1975 or 1976?” (ALEXIE, 2007, p.47).

heróis. Todos ainda pensam que eles lutavam *contra* o FBI(...)” (ALEXIE, 2007, p.49 – itálico do autor).<sup>8</sup>

Durante essa transformação de Zits, fica evidente um questionamento sobre o papel de indígenas e brancos, especialmente o governo, nos conflitos indígenas particulares – lutas pelos direitos e pela tradição.

#### Segunda Transformação – Menino mudo sem nome

Na segunda transformação Zits, é transportado ao corpo de um menino Indígena na Batalha de *Little Bighorn*, em 1876. “Não acredito que estou aqui. Esta é a batalha de Little Bighorn” (ALEXIE, 2007, p.69)<sup>9</sup>. Zits agora é um menino de aproximadamente 8 anos, que teve suas cordas vocais cortadas por um soldado branco em conflitos anteriores. Esta transformação, apesar de se prender a fatos históricos, também discute fatos cotidianos da vida dos indígenas do século XIX, especialmente os povos Dakota e Cheyenne, participantes do evento.

Este momento da narrativa é o que mostra os fatos históricos de forma mais acurada. A batalha de Little Bighorn ocorreu entre 24 e 25 de junho de 1876, após diversos conflitos anteriores entre o governo que queria se apossar da terra sagrada dos Dakota, as Black Hills, e culminou com a destruição da sétima cavalaria em Little Bighorn, liderada pelo general George Armstrong Custer. Ironicamente, Zits está na pele de um menino mudo, e não pode gritar: “Esse é o acampamento em Little Bighorn! Custer está vindo! Custer está vindo!” (ALEXIE, 2007, p. 68).<sup>10</sup>

Assim, os relatos da batalha são enriquecidos com detalhes da vida dos indígenas naquele momento, falando também do seu modo de vida antes de serem levados às reservas.

Existem dezenas de milhares de seres humanos vivendo em locais pequenos ao calor do verão. (...) Então, imagine um campo cheio com dezenas de milhares de índios suados, cães, e cavalos, junto com o que parece ser corpos de centenas de búfalos, veados, porcos-espinhos, texugos, esquilos, ratos, e

<sup>8</sup> *This is major news. Back in the future, these guys are still heroes. Everybody still thinks they fought against the FBI [...]* (ALEXIE, 2007, p.49).

<sup>9</sup> *I can't believe I'm here. This is the Battle of the Little Bighorn!* (ALEXIE, 2007, p. 69).

<sup>10</sup> *“This is the camp at the Little Bighorn! Custer is coming! Custer is coming!”* (ALEXIE, 2007, p.68).

quem-sabe-quais outros animais apodrecendo e secando, pendurados em prateleiras em todos os lugares que olho. Estes índios comem muita carne. E o desodorante não havia sido inventado ainda (ALEXIE, 2007, p. 61).<sup>11</sup>

O fato real também o leva a tecer diversas reflexões sobre os caminhos percorridos pelos indígenas, inclusive sobre a validade das guerras índias e suas consequências. A vitória de *Little Bighorn* gerou vários efeitos negativos, como o ódio do exército aos indígenas, que intensificou os massacres subsequentes, como *Wounded Knee*, que ocorreu em 29 de dezembro de 1890.

Todos esses índios antigos estão condenados. Eles irão morrer de doenças. E eles serão massacrados pelos soldados da cavalaria dos E.U. Eles serão encaixotados em trens e enviados para as reservas. E eles passarão fome nos acampamentos de inverno perto de rios congelados.

As crianças serão raptadas e enviadas aos internatos. Seus cabelos serão cortados curtos e elas apanharão por falarem a sua língua tribal. Elas apanharão por dançarem e cantarem as canções dos índios antigos.

Todos eles aprenderão a beber até cair. E seus filhos beberão até cair. E seus netos e bisnetos beberão até cair. E um desses bisnetos crescerá para se tornar meu pai de verdade: aquele que decidiu que se embriagar era mais importante do que ser meu pai. Aquele que abandonou minha mãe e eu (ALEXIE, 2007, p. 66-67).<sup>12</sup>

Em suas reflexões, a personagem desmistifica o halo de grande salvador e protetor da expansão americana ao oeste, atribuído ao General George Armstrong Custer. *Little Bighorn*

<sup>11</sup>*There are tens of thousands of human beings living in a close quarters in the summer heat. (...) So imagine a camp filled with tens of thousands of sweating Indians, dogs, and horses, along with what appears to be the rotting and drying corpses of hundreds of buffalo, deer, porcupines, badgers, squirrels, rats, and who-knows-what other animals, hanging on racks everywhere I look. These Indians eat a lot of meat. And deodorant has not been invented yet* (ALEXIE, 2007, p. 61).

<sup>12</sup>*All these old-time Indians are doomed. They're going to die of disease. And they'll be slaughtered by U.S. Cavalry soldiers. They'll be packed into train cars and shipped off to reservations. And they'll starve in winter camps near iced-over rivers.*

*The children are going to be kidnapped and sent off to boarding schools. Their hair will be cut short and they will be beaten for speaking their tribal languages. They'll be beaten for dancing and singing the old-time Indian songs.*

*All of them are going to start drinking booze. And their children will drink booze. And their grandchildren and great-grandchildren will drink booze. And one of those great-grandchildren will grow up to be my real father, the one who decided that drinking booze was more important than being my father. The one who abandoned my mother and me* (ALEXIE, 2007, p. 66-67).

ficou conhecida como a última parada de Custer, e é pensada da seguinte forma por Zits, enquanto está na pele do menino mudo:

(...) Custer está marchando rumo à sua morte.  
Custer é um egomaniaco doido que acha que vai ser presidente dos Estados Unidos. (...)  
'Little Bighorn foi a última batalha real das Guerras Índias. Depois disso, os índios se renderam. Mas Custer podia ser substituído (...) Então, a Última Parada de Custer foi, na verdade, a última parada para os indígenas' (ALEXIE, 2007, p.69-70).<sup>13</sup>

Ao mesmo tempo em que o narrador da história desmistifica Custer como salvador ou mártir, também questiona e humaniza a figura de Crazy Horse (Tashunke Witiko), o guerreiro Dakota que liderou os indígenas contra a cavalaria, ao lado de Touro Sentado (Tatanka Yotanka), retirando a ideia de selvageria que se criou em torno dele, humanizando-o.

Esse índio é (...) de pele quase branca. (...) Ele tem uma única pena de águia (...) Oh, meu Deus! Esse sujeito pálido é Crazy Horse, o homem estranho dos Oglalas! (...) Esse cara foi o maior guerreiro de todos os tempos. (...) Eu acho que o maior guerreiro na história Sioux é um mistério meio-sangue. Eu acho que este matador lendário de homens brancos era meio branco, como eu (ALEXIE, 2007, p. 67-68).<sup>14</sup>

Da mesma maneira em que o personagem questiona as personagens heroicas da história, também não romantiza as atitudes dos indígenas depois da derrota de Custer. O pai do menino mudo pede que ele corte as cordas vocais de um soldado morto como vingança pelo corte das cordas vocais do filho. Quando seu pai lhe diz para fazer tal coisa, Zits reflete

<sup>13</sup> (...) *Custer is marching toward his slaughter. Custer is a crazy egomaniac who thinks he is going to be president of the United States. (...) Little Bighorn was the last real battle of the Indian Wars. After that, the Indians gave up. So Custer's Last Stand was really the Indians' last stand* (ALEXIE, 2007, p. 69-70).

<sup>14</sup> *This new Indian guy is (...) almost white-skinned. (...) He's got a single eagle feather (...) Oh my God! This pale little dude is Crazy Horse, the strange man of the Oglalas! (...) This guy was the greatest warrior ever. (...) I think the greatest warrior in Sioux history is a half breed mystery. I think this legendary killer of white men is half white, like me* (ALEXIE, 2007, p. 67-68).

sobre a brutalidade de seus próprios atos, e é levado a outro corpo, deixando a dúvida se realmente realizou a vingança.

Observamos que a identidade de Zits é profundamente influenciada pelas transformações pelas quais vai passando. Enquanto o protagonista vislumbra parte da vida de outras personagens históricas, sua própria identidade vai se reconstruindo, abrindo margem para o leitor compreender o quão relevantes são as marcas históricas na construção da imagem dos indígenas atualmente.

### Terceira Transformação - Gus

Em sua terceira transformação, Zits habita o corpo de Gus, um velho batedor indígena com artrite, no século XIX. Gus conduz os soldados, liderados pelo “General Barbicha”, a uma aldeia indígena. O evento não tem data ou local claros na narrativa. Zits força o corpo de Gus a salvar um menino, a quem ele denomina Bow Boy (menino do arco) que, diante de toda a destruição que o exército está fazendo na aldeia, tenta enfrentá-los com um pequeno arco e flecha. Um soldado branco, a quem Zits chama de Small Saint (Santinho), pouco mais que um menino, tenta salvar Bow Boy, com a ajuda de Gus, que lhe custa a vida. No limiar da morte de Gus, Zits deixa seu corpo. O ato de salvar ao invés de matar acaba por fazer uma mudança no ponto de vista, uma outra visão sobre a violência ou sobre a própria agressividade de Zits.

Diferentemente da batalha de Little Bighorn, o período histórico retratado não é um evento específico, mas situações comuns em vários períodos. Gus, por exemplo, é um batedor, profissão comumente exercida naquela época por indígenas de diversas etnias. Tratam-se de indígenas contratados pelo exército para localizar e auxiliar na destruição de outros indígenas. São considerados agentes duplos ou ainda traidores de suas etnias.

Vivendo na pele de Gus, Zits vive a violência de ataques do exército sobre mulheres, velhos e crianças indígenas. Não se trata de um evento separado, mas de algo recorrente, como o massacre de Sand Creek, que ocorreu em 1864, no qual aproximadamente 140 homens, mulheres e crianças de uma aldeia Cheyenne e Arapaho foram mortos (VIRTUAL LIBRARY, ONLINE, 2017). Também outro exemplo é o ataque do rio Wichita, a uma aldeia multitribal, onde moravam Arapahoes, Cheyennes, Brules, Oglalas, entre outros. O ataque foi liderado por Custer e Sheridan em 1868 cujos números de mortos indígenas variam entre os

diversos relatórios a respeito do assunto entre 60 e 300 homens, mulheres e crianças. Também o massacre de Wounded Knee, no qual foram mortos, em 29 de dezembro de 1890, ao lado do riacho Wounded Knee, cerca de 150 homens, mulheres e crianças, e foram feridos mais de 200 indígenas, a maioria dos quais morreram em seguida, devido aos ferimentos, perderam-se ou congelaram-se na neve.

Figuras 1 e 2



Corpo do Chefe indígena Blackfoot morto e congelado na neve e acampamento indígena destruído em Wounded Knee. Fonte: Wikimedia Commons, disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Wounded\\_Knee\\_Massacre](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Wounded_Knee_Massacre)

Alexie descreve, na voz do narrador, a cena do massacre com tintas fortes:

Nós quase nem paramos enquanto matamos todos eles, com balas e punhos e sabres e botas (...) Eu vejo o General Barbicha apoiado em um joelho, mirando cuidadosamente mulheres e crianças e velhos que fogem de nós.(...) O General puxa do gatilho. De novo e de novo. E uma pessoa cai cada vez que ele atira (ALEXIE, 2007, p.89; 91).<sup>15</sup>

Zits sempre manteve o desejo de matar, mas após salvar o jovem branco e o menino indígena, ele percebe a inutilidade de expressar a sua agressividade matando nos pensamentos de Gus: “Eu queria matar, mas agora eu quero parar” (ALEXIE, 2007, p.88).<sup>16</sup>

#### Quarta Transformação– Jimmy

Em sua quarta transformação, Zits torna-se Jimmy, um piloto branco, adúltero que lamenta a perda de seu melhor amigo, Abbad. Zits sente o que Jimmy sente e vive sua vida por meio das memórias que vêm e vão por meio de sequências desencontradas. Zits

<sup>15</sup> *We barely pause as we kill all of them, with bullet and fist and saber and boot (...) I see General Mustache down on one knee, taking careful aim at the women and children and old people who flee from us. (...) The general pulls the trigger. Again and again. And a person falls each time he shoots* (ALEXIE, 2007, p. 89; 91).

<sup>16</sup> *I had wanted to kill, but now I want to stop* (ALEXIE, 2007, p.88).

experimenta voar, a sensação de liberdade: “Isto não é o céu, apesar de tudo, mas é ótimo me sentir voando. Jimmy não tem medo de voar, então eu não tenho medo. Eu emprestei sua coragem e alegria, assim como a tristeza e arrependimento dele” (ALEXIE, 2007, p.112)<sup>17</sup>.

O tema abordado aqui não diz respeito à história indígena, mas sim aos islâmicos e seus sentimentos, e também os sentimentos da sociedade americana euro descendente em geral quanto aos imigrantes daqueles grupos, depois do ataque às Torres Gêmeas, e suas consequências.

O livro mostra diversos momentos e crises na vida de Jimmy, testemunhados por Zits na sua pele, como, por exemplo, a traição à sua mulher e a descoberta pela mesma, com a separação subsequente, e a amizade com Abbad, um etíope a quem Jimmy ensina a pilotar. O tema foge do que foi apresentado até então sobre a população indígena, e se focaliza em outra minoria étnica. Abbad é muçulmano e etíope e mora nos Estados Unidos nos últimos 15 anos. Pela recuperação da memória de Jimmy, Zits vai construindo para o leitor a relação do piloto com Abbad:

Você é um mentiroso, Jimmy. Quando eu vim à sua porta, quando eu disse, eu quero ser um piloto, você imediatamente pensou em 11 de setembro. Você imediatamente pensou que eu era outro terrorista louco que queria aprender como enfiar aviões em arranha-céus (ALEXIE, 2007, p.110).<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo em que trai a esposa e se sente traído pelo amigo, Jimmy também ouve suas razões, ou seja, ele não é um inimigo sem coração ou sentimento, algo virtual. Por exemplo, vemos o momento em que Abbad explica uma situação de racismo:

‘Vocês americanos adoram o capitalismo’, ele disse. ‘Aquele homem não me disse para sair da casa dele, ou da vida dele. Ele não me mandou ao inferno, ou voltar para a África, ou ir embora para qualquer lugar de onde ele imaginava que eu tivesse vindo. Não: ele me disse para cair fora do seu *local*

<sup>17</sup> “*This is not heaven, after all, but it feels great to fly. Jimmy is not afraid of flying, so I’m not afraid. I have borrowed his courage and joy, as well as he sadness and regret*” (ALEXIE, 2007, p.112).

<sup>18</sup> *You are a liar, Jimmy. When I came to your door, when I said, I want to be a pilot, you immediately thought of September eleventh. You immediately thought I was another crazy terrorist who wanted to learn how to fly planes into skyscrapers* (ALEXIE, 2007, p. 110).

*de negócios. Negócios! Era tudo no que ele conseguia pensar* (ALEXIE, 2007, p. 111).<sup>19</sup>

No decorrer da narrativa, observamos as opiniões e a voz de Abbad, assim como suas outras razões para guardar ódio e agressividade contra os Estados Unidos:

‘Tudo que eu sei com certeza é isso’, Jimmy disse. ‘Você vive em nosso país por quinze anos. E você tem se saído muito bem – para você, para sua esposa, e para o bebê. Quinze anos Abbad, quinze longos anos’.  
‘Sim, Jimmy’, Abbad diz. ‘Eu tenho vivido aqui por quinze anos, e eu me sinto triste e longe da minha casa de verdade em cada um de meus dias. Eu moro nos Estados Unidos porque minha casa verdadeira foi destruída’ (ALEXIE, 2007, p. 121).<sup>20</sup>

Ao final da transformação, quando Abbad usa o conhecimento recebido de Jimmy para jogar um avião contra o centro da cidade de Chicago, problematiza-se que os terroristas têm suas razões. Nesse momento, observam-se todas as implicações e responsabilidades da população branca dos EUA, seja do governo ou da sociedade, em ‘criar’ os próprios monstros que as assombram, seja destruindo países e cidades no Oriente Médio, seja maltratando e segregando os refugiados e imigrantes, taxando-os de inimigos.

É durante essa transformação que Zits começa a ter reflexões mais intensas com relação a sua vida, e a todas as pessoas que passaram por sua vida, que de certa forma, o transformaram no Zits que ele é. Ele começa a pensar nas pessoas que amou, nas pessoas que odiou, nas que traiu e por quais foi traído. Zits percebe que “somos todos iguais. E estamos todos caindo” (ALEXIE, 2007, p.130)<sup>21</sup>. O suicídio de Jimmy leva Zits à sua última viagem por ‘peles distintas’.

<sup>19</sup> ‘You Americans love capitalism so much,’ he says. ‘That man didn’t tell me to get out of his house, or out of his life. He didn’t tell me to go to hell or back to Africa or back to wherever he thought I came from. No, he told me to get out of his place of business. Bussiness! That’s all He could think about’ (ALEXIE, 2007, p. 111).

<sup>20</sup> ‘All I know for sure is this,’ Jimmy says. ‘You’ve lived in our country for fifteen years. And you’ve done really well – for yourself, for your wife, and for that new baby. Fifteen years, Abbad, fifteen good years.’  
‘Yes, Jimmy,’ Abbad says. ‘I’ve lived here for fifteen years, and I have been sad and lonely for my real home one very one of my days. I live in the United States because my real home has been destroyed’ (ALEXIE, 2007, p. 121).

<sup>21</sup> ‘We’re all the same people. And we are all falling’ (ALEXIE, 2007, p. 130).

## Quinta Transformação – Pai de Zits

Em sua última transformação, Zits entra na pele de um indígena alcoólatra, que vive nas ruas de Seattle, em um momento atual indeterminado. Após passar mal e vomitar sangue, o indígena é socorrido por um casal de turistas brancos, mas os trata com rispidez e nega sua ajuda: “é tudo sua culpa (...). Pessoas brancas fizeram isto aos Índios. Você nos fizeram assim” (ALEXIE, 2007, p.136).<sup>22</sup>

Podemos observar na fala anterior um ressentimento histórico contra um fato amplamente registrado, no qual populações brancas buscavam viciar os indígenas, muitas vezes incentivadas pelo governo estadunidense, para se apossar das terras, especialmente após o Doves Act, conhecido como Alottment Act, que dividia as reservas em lotes para o fim do modo de vida tribal.

Tal ato foi assinado em 8 de fevereiro de 1887. A partir da formalização das terras dadas apenas a homens indígenas – aos casados uma quantidade maior e aos solteiros uma quantidade menor, os homens indígenas tornaram-se presas fáceis para grupos de homens brancos que buscavam viciá-los em álcool, em uísque barato, com intuito de apossar-se de suas terras. As propagandas nos jornais eram voltadas a populações brancas pobres, que deveriam ‘colonizar o oeste selvagem’, como pode ser visto nessa propaganda da imprensa guardado pela Biblioteca do Congresso:

Figura 3



Figura 4



Fonte: Wikimedia Commons, disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Poster\\_2013-08-14\\_08-45.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Poster_2013-08-14_08-45.jpg)

As imagens mostram que o ‘roubo’ legalizado das terras indígenas aconteceu também no século XX, e também a figura icônica de Custer incitando a entrada de pessoas no exército, com o objetivo de lutar contra os indígenas.

<sup>22</sup>*It's all your fault (...) White people did this to Indians. You make us like this''* (ALEXIE, 2007, p. 136).

Durante esta transformação, Zits sente na pele o que é ser um indígena em uma sociedade branca e começa a ter uma visão maior sobre sua herança étnica, além das implicações geradas por ela: “Eu quero que os outros índios me reconheçam. Que gritem meu nome. Mas eles estão com fome. E a dor deles é mais importante do que a minha dor” (ALEXIE, 2007, p. 140).<sup>23</sup>

Ao discutir com um homem branco e mostrar a ele a foto de uma criança, Zits, percebe que a foto é dele, Zits, quando bebê, junto à sua mãe. O homem lhe pergunta se o menino era seu filho, e inesperadamente ele responde, “Não, eu digo. Sou eu (ALEXIE, 2007, p. 150).<sup>24</sup>

Zits percebe então que está no corpo de seu pai. Nessa transformação, ele percebe, por meio das lembranças, que seu pai também vivenciava uma vida de dor e desapontamento. Ao acompanhar os pensamentos do pai, Zits vê a infância de pobreza e abuso.

Meu pai não quer dizer a verdade. A verdade o machucará. Uma mentira também o machucará. Ele se machucará não importa o que faça. (...) E então meu avô anda pela sala. Ele para perto do meu pai. ‘Eu quero que você saiba o que eu sei’, meu avô diz. ‘Você não vale merda nenhuma agora. E nunca vai valer merda nenhuma’ (ALEXIE, 2007, p. 154 – 155).<sup>25</sup>

Zits vê que o fato de o pai abandonar a mulher ao dar à luz no hospital foi, na verdade, um ato de amor e de medo provocado pela infância abusiva que ele sofreu. O fato de levar a foto do filho consigo demonstrava que o pai de Zits amava o filho: “E agora meu pai (...) para de andar no corredor no hospital. Em algum lugar neste andar, minha mãe está dando à luz a

<sup>23</sup> *‘I want to other Indians to recognize me. To shout out my name. But they are hungry. And their pain is more important than my pain’* (ALEXIE, 2007, p.140).

<sup>24</sup> *‘No,’ I say. ‘It’s me’* (ALEXIE, 2007, p.150).

<sup>25</sup> *My father doesn’t want to tell the truth. The truth will get him hurt. A lie will also get him hurt. He is going to get hurt no matter what he does. (...)*

*And then my grandfather walks back into the room. He stands over my father. ‘I want you to know what I know’, my grandfather says. ‘You ain’t worth shit now. You ain’t ever gonna be worth shit’* (ALEXIE, 2007, p. 154 – 155).

mim. Mas meu pai não pode participar. Ele não pode ser testemunha. Ele não pode ser pai. E então ele foge” (ALEXIE, 2007, p. 156).<sup>26</sup>

Zits passa a ter consciência das condições em que sua vida se encontra e que ele finalmente necessita de ajuda para mudar. “Eu costumava odiar a chuva. Mas agora eu quero que ela desabe. Eu quero uma tempestade. Eu quero estar limpo (...). Estou cansado de machucar as pessoas. Estou cansado de me machucar. Eu preciso de ajuda” (ALEXIE, 2007, p. 159-161).<sup>27</sup>

Historicamente, essa transformação de Zits mostra a situação dos indígenas fora das reservas. Alcoolismo e vida nas ruas são uma constante, visto que as reservas indígenas são, atualmente, os locais mais pobres do país, e a existência de indígenas em situação de pobreza extrema nas cidades também é grande nos EUA, assim como o é no Brasil.

### **Volta ao corpo e centralização da identidade**

Após essas revelações do passado de seu pai, Zits se vê de volta em seu próprio corpo, no lobby do banco, antes do início dos tiros. De todo o realismo fantástico da obra, sobram apenas os segundos inexplicáveis em que a câmera do banco ‘estraga’, bem no momento em que Zits teria realizado sua viagem surreal.

A volta é, então, um novo começo e o protagonista-narrador resolve aceitar sua nova chance. Assim, no momento em que volta a si, Zits se rende ao policial Dave, a única pessoa que demonstra, desde o início, interesse pelo adolescente. Dave encaminha Zits para a casa de seu irmão, Robert e sua cunhada Mary, e junto a eles uma nova família adotiva.

Ao receber e perceber o carinho de sua vigésima primeira família, Zits se sente acolhido pela primeira vez em sua vida: “Mary me abraça forte. É muito bom. Eu nunca havia sido abraçado desse jeito desde que minha mãe morreu” (ALEXIE, 2007, p.180)<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> *And now my father [...] stops pacing in the hospital hall way. Somewhere on this floor, my mother is giving birth to me. But my father cannot be a participant. He cannot be a witness. He cannot be a father. And so he runs* (ALEXIE, 2007, p. 156).

<sup>27</sup> *I used to hate the rain. But now I want it to pour. I want it to storm. I want to be clean (...) I am tired of hurting people. I am tired of being hurt. I need help’* (ALEXIE, 2007, p.159, 161).

<sup>28</sup> *Mary hugs me. She hugs me tightly. It feels great. I haven’t been hugged like that since my mother died* (ALEXIE, 2007, p. 180).

Quando Mary se propõe a cuidar das espinhas, acaba desmanchando também a máscara pela qual Zits quer criar medo e atrás da qual se esconde e ele revela a ela seu nome verdadeiro. Isso demonstra claramente o sentido cíclico do romance, ao terminar e começar com a identificação do narrador protagonista. A última frase do romance “Michael, eu disse ‘Meu nome real é Michael. Por favor, me chame de Michael’” (ALEXIE, 2007, p. 181).<sup>29</sup> Fecha um ciclo iniciado com a primeira frase, “Me chame de Zits (...) meu nome real não importa” (ALEXIE, 2007, p. 01).<sup>30</sup> O nome passa a ser o símbolo de quem Michael quer ser agora, com partes de sua identidade sendo modificadas em cada pele pela qual passou e cada período histórico no qual viveu.

Stuart Hall (2006) fala da identidade na pós-modernidade como algo fissurado, cindido, um múltiplo de identidades muitas vezes conflitantes. Zits não é apenas um híbrido fisicamente, como indígena e irlandês, mas o seu abandono e convivência com lares abusivos geraram uma identidade cindida, escondida atrás da máscara da agressividade e do sarcasmo. Ao revelar seu nome, reivindica um local de segurança para si, um equilíbrio em sua identidade cindida, não precisando esconder-se atrás da máscara metafórica e deformada de suas próprias espinhas.

### Revisão da história em *Flight*

Observamos que, em cada uma das transformações do protagonista do romance, Alexie aborda um tema histórico e um item específico. A primeira, como um policial do FBI, por se tratar de tempos relativamente modernos e assuntos governamentais diretos, o autor ficcionalizou e separou o principal grupo de defesa dos direitos civis indígenas, o AIM. Mas é importante o fato de, que nessa parte do texto e, estando Zits naquela ‘pele’, Alexie demonstrou os aspectos de como o governo contratava espões e agentes duplos, como matava, torturava e destruía provas de seus atos.

Na segunda transformação, como o menino mudo no acampamento Dakota, o período retratado é historicamente acurado: a véspera da batalha de Little Bighorn, em 25 de junho de

<sup>29</sup> ‘Michael’, I say ‘My real name is Michael. Please call me Michael’ (ALEXIE, 2007, p. 181).

<sup>30</sup> ‘Call me Zits (...) My real name isn’t important’ (ALEXIE, 2007, p. 01).

1876, na qual a Sétima Cavalaria, liderada por Custer atacou vários grupos indígenas reunidos para uma cerimônia chamada *Sun Dance* e foi destruída por eles. Na obra de ficção, Alexie apresenta o ponto de vista da vida cotidiana dos indígenas antes da chegada de Custer, mostra Crazy Horse como um possível mestiço (como o protagonista-narrador). Segundo descendentes dos Oglala Lakota, como Joseph Marshal III (2004) e outros contadores de histórias, essa não é uma informação correta, pois afirmam que ele possuía um problema de pele muito parecido com o albinismo.

Ao mesmo tempo, a vitória indígena em Little Bighorn é colocada em xeque, uma vez que é o governo estadunidense que vence as chamadas Guerras Índias, deixando de lado, por pelo menos nove décadas, a versão dos perdedores. Algumas das versões mais próximas da realidade são publicadas pelo historiador branco, Dee Brown (1970), que cresceu em uma reserva indígena e que se prontificou a contar uma versão da história estadunidense mais próxima do ponto de vista dos indígenas, iniciando desde o primeiro dia de Ação de Graças até o *Massacre de Wounded Knee*, passando por figuras como o guerreiro Gerônimo e Touro Sentado.

No momento histórico tratado pela segunda transformação, o mais preciso da obra ficcional aqui estudada, é interessante a forma com que Alexie descreve não apenas a batalha, mas a violência de ambas as partes no período após a batalha, assim como o modo de vida e a personalidade dos indígenas antes da batalha, como, por exemplo, pais que cantavam para seus filhos, as festas e o riso.

A terceira transformação, por serem eventos repetidos várias vezes -ataques das tropas do exército a diversas aldeias indígenas estadunidenses- tem seu período histórico propositadamente sem uma época ou momento histórico precisa. Na pele de Gus, Alexie critica tanto os indígenas que ‘venderam sua alma’, quanto descreve com riqueza de detalhes os horrores perpetrados pelo exército contra as tribos. Da mesma forma, mostra o lado dos brancos (como no caso do jovem soldado Small Saint) que tentavam proteger os indígenas.

A quarta transformação, como o piloto branco Jimmy, traz outro grupo silenciado: o imigrante muçulmano, considerado tão ‘selvagem’ e imperdoável quanto o indígena. Pelos ouvidos de Jimmy, o leitor fica sabendo das motivações de Abbad, de sua história, de suas habilidades e capacidades, enfim, de sua humanidade. Não se trata de fatos históricos antigos, ou situações que envolvam apenas os indígenas estadunidenses, mas do frenesi que veio como

consequência do 11 de setembro contra um inimigo generalizado, representado por um grupo social, cultural, religioso e étnico.

A próxima transformação, na qual Zits não apenas mergulha nos pensamentos e sentimentos do próprio pai, mas também conhece a dura realidade dos indígenas que saem das reservas, educados para se sentirem inúteis e incultos em uma sociedade que não os compreende, levados pela pobreza, pelo vício, pelo racismo e pelo ressentimento.

Ashcroft (2001, p. 19) afirma que “(...) a oposição (direta) é necessária, mas a apropriação de formas de representação, e a entrada forçada nas redes discursivas de dominação cultural sempre foram uma característica crucial dos movimentos de resistência que ganharam sucesso político”.<sup>31</sup>

Assim, ao trabalhar com as representações dos grupos minoritários e silenciados da história, Alexie cria uma obra literária com características únicas, misturando ficção e fatos. Dessa forma, os corpos do indígena e do imigrante são, muitas vezes, mostrados como abusado, torturado e morto, como símbolo da devastação política e cultural de um poder eurocêntrico, colonial de interesses capitalistas. No entanto, na obra, são corpos que se inscrevem na história, que conseguem, de alguma forma, expor seus pontos de vista.

As personagens da obra, tanto as históricas quanto as ficcionais, negam-se a serem seres estáticos, presos a estereótipos, ou formulações de comportamento impostos pelos poderes dominantes. Os indígenas fogem dos estereótipos de inocência primitiva ou de selvageria, sendo mostrados além do registro histórico da civilização que leva apenas em consideração o ponto de vista do vencedor.

Nesse sentido, podemos entender o texto no interstício entre literatura e história, de maneira que podemos observar que, apesar de ficcional, o texto é baseado no testemunho de fatos históricos por parte dos ‘perdedores’.

O *Testimonio* é possivelmente mais perturbador que qualquer outro gênero sobre a representação de todas as suposições do Ocidente. Mas o fato de ocupar o espaço entre a literatura e a história atinge um poder sem precedentes na comunicação da verdade da opressão, pois revela o alcance pelo qual as orientações alegóricas de uma narrativa ‘comunal’ podem

<sup>31</sup> [...] *opposition is necessary, but the appropriation of forms of representation, and forcing entry into the discursive networks of cultural dominance, have always been a crucial feature of resistance movements which have gained political success* (ASHCROFT, 2001, p. 19).

escandalizar nossos conceitos sobre a estrutura narrativa de uma verdade histórica. Ao transgredir aparentemente as supostas reivindicações de ‘verdade científica’, o *testimonio* revela o alcance pelo qual a alegoria pode tomar a forma da narrativa histórica, que está fortemente firmada na dominância global da cultura Ocidental (ASCROFT, 2001, p. 123).<sup>32</sup>

Com base no que foi dito acima, a ficção e o testemunho (de Alexie como indígena) tomam a força de ressignificar fatos históricos, mostrando também as falhas e alegorias da narrativa histórica. Questiona-se, assim, por meio da narrativa de testemunho, uma narrativa coletiva, as ‘verdades’ encontradas nos registros e consideradas a única verdade. Para isso, usa-se a alegoria e a ficção, que também são instrumentos de difusão da cultura ocidental. Assim, após apontar, de maneira dura, às vezes bem-humorada, a própria alegoria criada em torno dos estereótipos, Alexie cria uma resposta, baseada em fontes não oficiais, como os contos dos próprios indígenas, para criar um registro de história comunitária que questiona e instiga os leitores a também questionarem a história oficial dos EUA, principalmente com relação aos indígenas, mas também com relação aos imigrantes ‘indesejados’.

## Conclusão

Em *Flight*, Alexie trabalha com a falta de perspectivas dos indígenas na atualidade, mostrando suas lutas diárias para manter sua identidade através dos tempos.

Alexie mostra tanto a busca de um personagem indígena híbrido cultural e étnico por um lugar de pertencimento identitário quanto oferece novos pontos de vistas a fatos históricos. Isso ocorre a partir da transferência fantástica do protagonista Zits a indivíduos envolvidos nos eventos, sejam eles específicos – como a batalha de Little Bighorn, ou gerais, como a situação antiga e atual dos indígenas nos EUA.

---

<sup>32</sup>*Testimonio* is possibly more disruptive of Western assumptions about representation than any other genre, but its occupation of the space between literature and history achieves an unprecedented power in communicating the truth of oppression, because it reveals the extent to which the allegorical orientations of a ‘communal’ narrative can scandalize our assumptions about the narrative structure of historical truth. By apparently transgressing the putatively ‘scientific’ truth claims of history, *testimonio* reveals the extent to which the allegorical is the mode of historical narrative, grounded so firmly, as it is, in the global dominance of Western culture (ASCROFT, 2001, p.123).

Há uma conexão de realidade simbólica, onde se podem fazer perguntas que não seriam possíveis pela descrição simples de um momento histórico, visto que os registros oficiais falam muito pouco do ponto de vista dos oprimidos e perdedores das batalhas históricas, como, por exemplo, do herói indígena Crazy Horse.

Podemos ver que, mais que uma obra ficcional simples, que aborda a individualidade, um personagem adolescente em uma viagem de fantasia, *Flight* questiona não apenas se o subalterno pode falar (SPIVAK, 1988), mas mostra que, de alguma forma, ele pode voar, num jogo com o próprio título do livro. Trata-se de uma memória perdida individual de um menino que é encontrada na memória coletiva de pessoas não ouvidas pela história. A narrativa de *Flight* quebra os paradigmas, questiona a história oficial e dá voz a indivíduos e grupos sociais cujas versões da história ainda não haviam sido ouvidas.

## Referências

ALEXIE, Sherman. *Flight: A novel*. New York: Black Cat, 2007.

ASHCROFT, Bill. *Post-Colonial transformation*. London: Routledge, 2002.

BROWN, Dee. *Bury my heart at Wounded Knee: an Indian history of the American West*. 1<sup>st</sup> Owl edition. New York: Holt, Rinehart & Wiston, 1970.

BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio*. Trad. Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11<sup>a</sup> ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

MARSHAL III, Joseph. *Journey of Crazy Horse: A Dakota History*. New York: Penguin Putnam Trade, 2004.

POETRY FOUNDATION. *Sherman Alexie*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/sherman-alexie>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak. *In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence. Marxism and the interpretation of culture*. Urbana / Chicago: University of Illinois Press, 1988. p. 217 – 313.

VIRTUAL LIBRARY. *American Indians*. Disponível em: <http://www.hanksville.org/NAresources/>. Acesso em: 15 de nov. 2017.

## Historical revision and identity in Sherman Alexie's *Flight*

**Abstract:** The objective of this article is to study the historical review and the search for identity in the novel *Flight* (2007), by the Native American author Sherman Alexie. The novel describes a period in the life of the orphaned mixed-blood Native American and Irish teenager called Zits. He 'gets into' the skin of different people in different historical periods. We seek to understand what are the historical moments discussed in each transformation and what are the effects of these transformations on the identity of the protagonist. As a theoretical basis, we study resistance according to Ashcroft (2002) and sources of information about American indigenous history, such as Brown (1970). From the theories about identity, we list Hall (2006), in order to analyze Zits in their physical, psychological and temporal displacement. As a result, we observe how indigenous literature in general and Alexie in particular use literary strategies to rethink and question stereotypes and historical records that place indigenous people as the voiceless, savage enemy.

**Keywords:** Native American Literature. Historical Records. Identity. Sherman Alexie. Flight.

**Recebido em:** 15 de maio de 2019.

**Aceito em:** 09 de setembro de 2019.